

# TESTEMUNHOS DE REFUGIADOS SÍRIOS NO BRASIL: O ENTRE- LUGAR QUE SE REVELA NAS CONSTRUÇÕES LINGUÍSTICO- DISCURSIVAS

Nathália Karoline de Almeida (CAPES/ UFSJ)<sup>1</sup>  
Cláudio Márcio do Carmo (CNPq/ DELAC/ UFSJ)<sup>2</sup>

**RESUMO:** A presente pesquisa busca investigar como alguns encontros fronteiriços pós-modernos revelam o espaço do entre-lugar cultural de refugiados sírios no Brasil. À luz de conceitos da Análise Crítica do Discurso (Fairclough, 2003), de entre-lugar (Bhabha, 1998) e da interculturalidade (Walsh, 2005), analisamos os testemunhos de Abdul e Lucia para uma entrevista concedida à agência de notícias 'Agência Brasil' no ano de 2021. Para tanto, tecemos uma análise tomando o processo de aglutinação de dois adjetivos pátrios que constata a colocação identitária de Abdu como brasísrio e também a projeção de comprometimento linguístico nas falas de Lucia a respeito de sua morada no Brasil. Em resposta, vimos que as construções linguístico-discursivas aqui investidas confirmam os embates culturais e sociais que acontecem nas fronteiras e que possibilitam o entre-lugar da cultura.

**Palavras-chave:** Análise Crítica do Discurso. Entre-lugar. Interculturalidade. Refugiados. Sírios.

## TESTIMONIES OF SYRIAN REFUGEES IN BRAZIL: THE IN-BETWEEN SPACE THAT IS REVEALED IN LINGUISTIC-DISCURSIVE CONSTRUCTIONS

**ABSTRACT:** The present research seeks to investigate how some postmodern border encounters reveal the in-between space of cultures of Syrian refugees in Brazil. Following the assumptions of Critical Discourse Analysis (Fairclough, 2003), in-between space (Bhabha, 1998) and interculturality (Walsh, 2005), we analyzed some of Abdul and Lucia's speeches for an interview granted to 'Agência Brasil' in 2021. To this end, we make an analysis taking the process of agglutination of two patriotic adjectives that verify the identity placement

1 Mestranda/ bolsista CAPES do Programa de Pós-Graduação em Letras: Teoria Literária e Crítica da Cultura da Universidade Federal de São João del-Rei (UFSJ). E-mail: nathaliakaroline98@gmail.com.

2 Professor Titular de Linguística e Língua Portuguesa no Departamento de Letras, Artes e Cultura na Universidade Federal de São João del-Rei (UFSJ) e pesquisador do Conselho Nacional Científico e Tecnológico (CNPq). E-mail: claudius@ufs.edu.br.

of Abdu as brasisírio, and also the projection of linguistic commitment in Lucia's statements about her residence in Brazil. In response, we saw that the linguistic-discursive constructions invested here confirm the cultural and social confrontations that take place at the borders and that affect the in-between space of cultures.

Keywords: Critical Discourse Analysis. In-between space. Interculturality. Refugees. Syrians.

## Introdução

A virada do século XX para o XXI trouxe mudanças para todo o mundo, de modo que o atravessamento de culturas sucedido pelo processo da quarta fase de globalização, corrida tecnológica, consequências do tratado 'neoliberal' na economia, guerras fronteiriças, o processo de terceirização de produtos etc., culminaram em profundas transformações sociais, econômicas e culturais, aumentando o deslocamento de pessoas, produtos e capital. Logo, o movimento se estendeu para além das fronteiras estatais e mesmo continentais, marcando um constante e crescente aumento do fluxo migratório. Esses fatores históricos da pós-modernidade enfraqueceram as supostas marcas de unicidade que definiam os conceitos de nação e cultura local, levando a um processo de hibridismo cultural por onde o encontro de diferentes povos experimentou a criação de um terceiro espaço cultural no Brasil: o do entre-lugar, conforme termo cunhado por Bhabha (1998).

Sabemos que o deslocamento migratório é uma condição inerente ao ser vivo. Ele ocorre desde os primórdios da humanidade por diferentes fatores; sejam eles pela busca de melhores condições de vida, pelo reencontro familiar, para fugir de guerras, desastres naturais, perseguição etc. Mas o que mudou após os eventos pós-modernos citados acima foram as condições, recorrência e mesmo localização dessas travessias. A saber, segundo dados concedidos pela ONU (Organização das Nações Unidas), 3,6% da população mundial migrou internacional-

mente – totalizando mais de 280 milhões de migrantes internacionais nos últimos anos (ONU News, 2021).

Em solo nacional vemos os números confirmarem também que o encontro de diferentes culturas já se tornou um fato contínuo e crescente na história pós-moderna. Isto posto, segundo o relatório anual do Observatório das Migrações Internacionais (OBMigra, 2021), no período de 2011 a 2019, o Brasil recebeu mais de um milhão de imigrantes – e concedeu cerca de 3,8 mil solicitações de refúgio para a população síria durante este mesmo período. Estas solicitações aumentaram exponencialmente após o início dos conflitos da guerra civil na Síria, que se iniciou com a Primavera Árabe no ano de 2011 e levou ao deslocamento de cerca de seis milhões de refugiados sírios - sendo considerado ainda hoje como "a maior crise de deslocados forçados do mundo" (ACNUR, 2022, documento eletrônico s/p).

Para tanto, o presente estudo busca analisar testemunhos de refugiados sírios presentes numa reportagem publicada pelo site 'Agência Brasil'<sup>3</sup> no ano de 2021 pelos jornalistas Leo Rodrigues e Denise Griesinger com o título: "'Sou Brasisírio': conheça refugiados de uma guerra que já dura 10 anos", a fim de investigar se eles acolheram para si a cultura brasileira (e se sentiram acolhidos por ela); de maneira a designar o sentimento de entre-lugar que se esvai nos

3 Agência Brasil (ABr) é uma agência pública de notícias que pertence à Empresa Brasil de Comunicação (EBC). Estando sob o domínio do Governo Federal Brasileiro desde a sua criação no ano de 1990, a ABr tem como objetivo a livre circulação on-line de notícias.

testemunhos desses grupos. Com esse propósito, partimos de uma análise linguística, a fim de apresentar quais elementos culturais, indexicalizados por elementos discursivos-textuais, evidenciam esse sentimento. Não obstante, buscamos investigar também a caracterização identitária do sujeito refugiado ao longo do testemunho pessoal para verificar como se dá esse espaço do “ser-cultural” aqui no país.

No percurso epistemológico desta pesquisa, buscamos compreender primeiro sobre os conceitos de entre-lugar, discurso e identidade; mostrando como tais construtos são demarcados linguisticamente nos testemunhos desses refugiados, e perscrutar como o discurso pode apresentar resquícios de um entre-lugar, cerne na contemporaneidade brasileira e para o estudo das culturas em contato; para isso, analisamos então o testemunho com a perspectiva discursiva-textual de Fairclough (2003; [1992] 2016), em que o aporte teórico permitirá uma investigação dos elementos lexicais e sintáticos que revelam marcas sociais de como este sujeito pode se enxergar a partir de duas perspectivas de mundo, podendo gerar o sentimento desse entre-lugar da cultura. E então seguimos para uma reflexão teórica sobre esses espaços do interstício no que condiz às mudanças subjacentes das práticas sociais e culturais no país.

## Cultura, entre-lugar, discurso e identidade

Para Coelho (2014, p. 114, *itálicos do autor*), “em sua conceituação mais ampla, cultura remete à ideia de uma forma que caracteriza o modo de vida de uma comunidade em seu aspecto global, totalizante.” Fica pressuposto nesse conceito a ideia de crenças e costumes que são compartilhados por um povo, estando sob a sua égide, tudo aquilo que vem da criação humana, desde aquilo que é abstrato como ideias, ao que é

concreto, como vestimentas.

Gomes (2008, p. 35), por seu turno, explica que “cultura é tudo aquilo que o homem vivencia, realiza, adquire e transmite por meio da linguagem”. Mas associa também a cultura ao modo próprio de ser do homem em coletividade, em que a língua, de forma ampla, torna-se veículo de pensamento e de comunicação, um sistema de símbolos convencionados como significados compartilhados por uma comunidade de falantes, no entanto, que não se resume a isso. No dizer do autor, “pensar é um ato ao mesmo tempo determinado pelos significados coletivamente compartilhados e dados pela língua sobre a realidade, porém circunstanciado pela individualidade pensante (com suas circunstâncias), aberto para conceitos que vêm de fora e apto para criar o novo” (Gomes, 2008, p. 37).

Para nós, o que importa está na ideia de interseções culturais, pois “é na emergência dos interstícios - a sobreposição e o deslocamento de domínios da diferença - que as experiências intersubjetivas e coletivas de nação, o interesse comunitário ou a valor cultural são negociados” (Bhabha, 1998, p. 20).

Assim, como aludido na seção acima, o fenômeno da globalização alavancou o processo da interseccionalidade cultural, dos entremeios que se expandem socialmente e se entrecruzam, chegando ao multiculturalismo. O multiculturalismo, por sua vez, nasce como um princípio ideológico de valorização das diferenças, contribuindo para uma visão positiva da diversidade, mas encontra dificuldades em manifestar-se em um país por esbarrar em variados problemas ligados ao contato entre múltiplas culturas (cf. Coelho, 2012). Dessa forma, uma visão afinada com a perspectiva da interculturalidade – entendida como “um processo dinâmico e permanente de relação, comunicação e aprendizagem entre culturas em relação

de respeito, legitimidade mútua, simetria e igualdade” (Walsh, 2005, p. 10) – ganhou reconhecimento nas abordagens culturalistas. Tendo isso em mente, sob os postulados de Homi Bhabha (1998), devemos olhar a partir das fronteiras, pois é com essa visão que encontramos o espaço compartilhado, o hibridismo e a articulação de identidades e representações nacionais.

Precisamos entender, portanto, que são “esses ‘entre-lugares’ que fornecem o terreno para a elaboração de estratégias de subjetivação - singular ou coletiva - que dão início a novos signos de identidade e postos inovadores de colaboração e contestação, no ato de definir a própria ideia de sociedade” (Bhabha, 1998, p. 20). Eles aparecem então como um lugar interseccional por onde se acumulam identidades que possibilitam o hibridismo cultural – e que, conseqüentemente, podem levar a uma transformação social.

No entanto, apesar dos cruzamentos factíveis, “os embates de fronteira acerca da diferença cultural têm tanta possibilidade de serem consensuais quanto conflituosos” (Bhabha, 1998, p. 21), levando-nos a uma investigação desse imbricamento, a procura de saber até que parte essa aceitação é de consenso político-social em um país e, saber ainda quando há um espectro hegemônico que tende a apagar o lugar desse outro histórico.

Por isso, como nos esclarece Walsh (1998), sob o espectro da interculturalidade, busca-se romper com a história hegemônica de uma cultura supostamente dominante e de outras que lhes sejam subordinadas, na tentativa de reforçar identidades tradicionalmente excluídas para construir, na vida cotidiana, uma coexistência de respeito e legitimidade entre todos os grupos da sociedade.

Logo, as identidades sociais (e conseqüentemente individuais) ficam alocadas

nesse hibridismo cultural que decorre na fronteira daqueles que chegam e dos que já estão. Para isso é preciso compreender que a identidade desses povos aparece então no entremeio da possibilidade de um novo ‘ser social’, em conflito com forças hegemônicas que buscam a estabilidade cultural.

Ou seja, firmamos aqui a ideia de Walsh (2010) de que a celebração e possibilidade de um novo espaço cultural acontece pela ação – por uma mudança constituinte do espaço social compartilhado. Assim, na concepção da interculturalidade, a inter-relação só acontece de fato quando há uma diminuição da assimetria cultural e social. E quando consideramos essas mudanças estruturais recentes, vemos que esta integração cultural tende a se consolidar quando há a intervenção de políticas públicas que buscam o acolhimento e integração entre esses grupos. Por isso, se pensamos no entre-lugar da cultura, devemos pensar também no processo da interculturalidade, uma vez que esse ‘terceiro espaço’ só se faz possível quando há um embate social por onde modelos de pensamentos e práticas se cruzam e geram novas práticas (Mignolo, 2004 apud Trinidad, 2015) - a saber; novos discursos, modelos de pensamento, práticas culturais, valores e crenças.

No mesmo passo, essas mudanças iminentes e inevitáveis alavancadas no período da pós-modernidade que forneceram o encontro multicultural encarregado pelo processo de globalização e cruzamentos de fronteira, instauraram uma mudança do sujeito social. Assim, com as mobilidades inerentes ao mundo moderno, “o sujeito, previamente vivido como tendo uma identidade unificada e estável, está se tornando fragmentado; composto não de uma única, mas de várias identidades, algumas vezes contraditórias ou não resolvidas” (Hall, [1992] 2006, p. 12) e mais,



esse processo produz o sujeito pós-moderno, conceptualizado como não tendo uma identidade fixa, essencial ou permanente. A identidade torna-se uma “celebração móvel”: formada e transformada continuamente em relação às formas pelas quais somos representados ou interpelados nos sistemas culturais que nos rodeiam (ibidem).

A saber, essa ideia de se firmar uma identidade coletiva-individual recai no discurso, trazendo-o como momento crucial para a ressignificação desses processos, uma vez que mais do que representar o mundo, o discurso age nele, e as representações do ser se criam e consolidam através do discurso. E “é nesse sentido que o momento histórico de ação política deve ser pensado como parte da história da forma de sua escrita” (Bhabha, 1998, p. 48), já que não existe saber-fazer exterior à sua representação.

O discurso constitui e constrói o mundo, ele é “socialmente construtivo, constituindo os sujeitos sociais, as relações sociais e os sistemas de conhecimento e crença” (Fairclough, [1992] 2016, p. 61), representando e definindo (de forma ambivalente) o agir e pensar no mundo. Assim sendo, ao evocar um dito que identifica o outro ou a si mesmo, essa representação também se constitui como ação; uma identidade social se encontra no cerne das representações discursivas subjacentes a ela. Logo, é preciso se atentar ao fato de que a cultura hegemônica tende a apagar as marcas do outro,

em um movimento que ao mesmo tempo demonstra o poder discursivo que os grupos dominantes têm de definir o que é certo e errado, e também demonstra o medo que a diferença gera, sempre existindo nas margens, ameaçando a supostamente sólida identidade daqueles que detém o poder (Costa, 2018, p. 05).

Quando um jornal apresenta a história do imigrante ou refugiado, marcando seu sentimento após-fronteira, ele reconstrói uma representação identificacional da visão por se instaurada por esse sujeito. Há assim uma modulação nos testemunhos dessa comunidade para que haja o enquadramento no gênero midiático, gerando uma delimitação social e representativa desse outro. O que exige de nós uma compreensão de que as histórias contadas na mídia já são, inerentemente, uma nova representação do que foi dito pelo agente social representado. Esse fato exige um olhar crítico a respeito do recorte investigativo, onde a fala de um perpassa a do outro, mas que deve ser considerado também, apesar das ressalvas, como um acontecimento importante para trazer luz às histórias, sentimentos e opiniões dessa comunidade, mostrando a (re)existência desse povo que vive no entre-lugar da fronteira.

Sob essa pretensão, precisamos entender que o discurso, enquanto conjunto de enunciados, não apenas descreve os sujeitos e as coisas no mundo - ele os constitui e os define. O discurso inicia, dá forma e sustenta toda ação social. Portanto, a construção de uma identidade coletiva e/ ou individual se dá pelo discurso quando os processos de representação de mundo geram processos de significação no mundo.

Testemunhos: Análise linguístico-discursiva

Os fragmentos textuais retirados dessas duas reportagens poderão servir como uma pequena amostra analítica que situa sobre o espaço que é disponibilizado e então ocupado por imigrantes e refugiados no Brasil. Para isso, as marcas textuais fornecerão a base de nossa pesquisa social, nas quais devemos nos atentar às composições sintáticas e escolhas lexicais presentes nos

testemunhos para saber como ocorre esse processo discursivo e social de construção do sujeito imigrante após o cruzamento da fronteira, por exemplo.

A reportagem do site de notícias 'Agência Brasil', redigida no ano de 2021 pelos jornalistas Leo Rodrigues e Denise Griesinger, apresenta três testemunhos de imigrantes sírios no Brasil; com pronunciamentos de Abdul, Fátima e Lucia. Estes mostram, a partir do discurso direto, o sentimento de pertencimento; as convergências; divergências e misturas culturais que se desencadearam após a chegada ao Brasil. Por isso, na busca de uma investigação sobre o processo de chegada e acolhimento dos refugiados sírios no Brasil, iniciamos o estudo por meio da pesquisa de termos-chave, quais sejam, "refugiados sírios"; "Brasil" e "2021" no Google Notícias, tendo esta reportagem como a de aparição primeira mediante o algoritmo que rege o sistema de busca do site. Desse modo, consideramos que a presente a matéria foi escolhida por quatro principais justificativas analíticas: primeiro, pela ordem que apareceu no site Google de notícias; segundo, por ser um texto que conta predominantemente com a presença do discurso direto (na expectativa de não haver grandes interferências com a voz do autor do texto); pela sua possibilidade de ampla circulação, devido a gratuidade de seu conteúdo; e por último, por tratar sobre as marcas culturais dos diferentes países (Brasil e Síria) que resvalam no sentimento de pertencimento do sujeito.

Com tais considerações, encontramos já no título da matéria - "sou brasisírio" - uma importante ressignificação lexical e semântica na indicação de pertencimento (sou) e no neologismo criado por aglutinação dos nomes pátrios (brasisírio = Brasileiro + Sírio), fenômeno gramatical que duas palavras sofrem alterações para a criação de uma nova, como em um "processo de formar palavras

compostas pela fusão ou maior integração dos dois radicais". (Bechara, 1999, p. 284). Vale apontar que a aglutinação é um processo estudado na morfologia e na fonética, mas considerá-lo apenas nesse âmbito seria diminuí-lo constitutivamente. Nesse processo discursivo-lexical, a alteração não ocorre apenas no campo morfológico, mas também no campo semântico, seguindo no compasso do hibridismo cultural, no qual o processo de mistura recai também no campo lexical e aparece então o terceiro espaço - o do entre-lugar (Bhabha, 1998).

Esse processo de criação de um novo léxico gera agora duas novas significações que são, ao mesmo tempo, uma única ideia. A saber: a palavra 'brasisírio' nos indica que a pessoa se considera brasileira no mesmo nível que se considera síria, e tal representação de si carrega características sociais e culturais do que é pertencer a determinada nacionalidade, com significações de mundo já instauradas. No entanto, ao misturar as duas palavras, os dois significados e as duas representações identitárias, cria-se o entre-lugar do léxico, do sujeito e da cultura desse povo após o atravessamento da fronteira. A palavra marca assim o desejo de representação desse sujeito no país que se constituiu nesse entre-lugar cultural, marcando a si mesmo enquanto brasileiro e sírio, ao mesmo tempo que toma para si uma identidade terceira, característica da mistura dessas duas nacionalidades. Sentimento esse marcado pelo enunciado "Não sou a mesma pessoa que vivia na Síria. Sou outra pessoa. Absorvi uma nova cultura, uma nova língua. Hoje sou brasisírio" (Abdur para Agência Brasil, 2021).

À medida que a reportagem segue, o entrevistado deixa pistas de como esse processo de identificação com a cultura brasileira foi se criando dentro de si. Assim,

Abdul conta que encontrou no futebol e na música portas de acesso à cultura brasileira. “Comecei a ir aos jogos para ver como é o povo brasileiro e me apaixonei. Me tornei corintiano. Quando você está no campo é todo mundo junto, todo mundo gritando. Ninguém sabe sua identificação social, sua riqueza. Também me apaixonei pelo ritmo sertanejo. Gostei muito de Henrique e Juliano. Repetia as palavras sem entender o significado. Com o tempo fui entendendo.

Hoje me tratam como brasileiro. O povo é muito acolhedor, simpático, amoroso. Na Europa, talvez ainda me tratassem como estrangeiro. Mas aqui no Brasil não, me tratam como um igual. Houve pessoas que eu conheci que considero como minha família. Me deram força, me estenderam a mão. Mas no início me senti perdido. É um país tão grande. A questão de documentação, de integração, de conseguir emprego e moradia. Hoje tenho domínio da língua, conhecimento da cidade, estou me virando como trabalhador autônomo. Mas seria muito difícil sem o apoio das organizações sociais, das instituições ligadas à ONU, de entidades do terceiro setor. Eles fazem projetos que possibilitam a integração (Rodrigues; Griesinger, 2021).

O testemunho de Abdul mostra que o processo de identificação com a cultura brasileira aconteceu por meio do entretenimento popular: o futebol e o sertanejo. O enunciado “Quando você está no campo é todo mundo junto, todo mundo gritando. Ninguém sabe sua identificação social, sua riqueza” (ibidem) mostra que esse interesse pelo esporte aconteceu mais pelo sentimento de acolhimento que encontrou no local, do que pelo jogo propriamente dito. O ex-certo do sírio demonstra ainda que esse processo de aceitação e acolhimento com a cultura e o contexto brasileiro precisou ocorrer pelos dois lados.

Isso aconteceu, pois Abdul abraçou a cultura do país e se sentiu parte da sociedade quando a população brasileira se mostrou aberta para o receber. Isso se mostra nos trechos “Hoje me tratam como brasileiro”; “Houve pessoas que eu conheci que considero como minha família. Me deram força, me estenderam a mão. Mas no início me senti perdido”. Assim, podemos pontuar que este espaço do interstício não acaba a partir da troca cultural que acontece nas fronteiras nacionais, mas sim após o processo de sentimento de pertença: é preciso que essa aceitação seja mútua. Por isso, a relação cultural terá relação direta com o processo de identificação social.

Esse processo de troca cultural é então marcado linguisticamente nos próximos trechos da entrevista, quando Abdul e Lucia afirmam visitar a cultura de seu país principalmente por meio da culinária e da língua nativa. Sendo assim, para além da música e futebol, a comida e a fala marcam a composição identitária desse povo, seja para com o Brasil ou a Síria.

Abdul: “Eu cheguei sozinho, mas conheci outros refugiados. Todo sábado à noite, nos reunimos e cozinhamos uma comida com os mesmos temperos que usávamos na Síria. E jogamos baralho, um jogo que costumávamos jogar. Conversamos sobre política, nos divertimos, usamos nossa língua nativa, nos conectamos com nossa identidade. Mas fiquei meio misturado, porque o Brasil se tornou minha pátria também. Fiz uma vida aqui”, conta.

Lucia: “Temos formação musical e, quando chegamos, sentimos a responsabilidade de transmitir a nossa história por meio da música. Buscamos preservar nossa cultura. Mantemos a língua em casa, as comidas tradicionais. Mas não dispensamos um pão de queijo, um pastel. Sempre tentamos misturar as duas culturas. Até porque a família cresceu e já tem

uma nova geração, que são brasileiros natos” (Rodrigues; Griesinger, 2021).

No trecho acima quando Lucia diz “Buscamos preservar nossa cultura. Mantemos a língua em casa, as comidas tradicionais. Mas não dispensamos um pão de queijo, um pastel. Sempre tentamos misturar as duas culturas”, ela marca esse imbricamento cultural entre Síria e Brasil, afirmando que busca incorporar os costumes dos dois países no dia a dia, o que confirma a existência e concretização da interculturalidade, desse entre-lugar.

No mesmo enunciado observamos que o testemunho de Lucia demonstra sentimento de obrigação para dar continuidade às suas raízes no Brasil. Mais do que um sentimento de agrado para si mesma, mostra que suas ações se dão também pelos outros; é preciso repassar a sua história e seus costumes.

Essa marca de obrigatoriedade expressa em “sentimos a responsabilidade de transmitir a nossa história” demonstra, a partir da expressão modalizadora (sentimos a responsabilidade de = temos que), o comprometimento da entrevistada para com seu próprio enunciado. Observamos que há nesse trecho um sentimento conjunto de dever (não apenas pessoal, quando conjuga o verbo em primeira pessoa do plural) de dar continuidade à cultura Síria e à história de seu povo.

Conforme Halliday e Mathiessen (2014), a modalização é um fenômeno linguístico que marca as relações estabelecidas entre os polos do sim e do não, manifestando-se em diferentes graus. Por isso, estão na indicação de escalas de probabilidade e habitualidade onde está alocado o termo geral “modalidade”. Os chamados modalizadores são, portanto, os termos capazes de indicar intenções, sentimentos e atitudes do locutor no discurso, e, por isso, capazes de

revelar graus de engajamento em relação ao conteúdo proposicional de uma mensagem.

Fairclough (2003, p. 166) completa essa intencionalidade discursiva mostrando que a modalidade significa o julgamento do próprio falante sobre as probabilidades, ou obrigações, envolvidas no que ele está dizendo. E por essa razão

a modalidade é importante na texturização das identidades, tanto pessoais (‘personalidades’) e sociais, no sentido de que aquilo com que você se compromete é uma parte significativa do que você é – então as escolhas de modalidade em textos podem ser vistas como parte de o processo de texturização da auto-identidade (ibidem).

Em termos linguísticos, é possível modalizar um enunciado por meio de advérbios, verbos e adjetivos; sendo o sujeito capaz de traçar sentidos de obrigatoriedade em determinadas constatações; atribuir uma avaliação por meio de adjetivos; engajar a probabilidade de um fato em maior ou menor instância; ou mesmo afirmar um dito por meio de verbos (com os chamados processos mentais, verbais e materiais).

Por isso, pensando na relação de modalização dos testemunhos, observamos também no seguinte excerto de Lucia:

Claro que, como todos os sírios, temos o sonho de voltar. Mas sendo realista, se voltarmos, não encontraremos a Síria como ela era. Provavelmente seria muito diferente. Parentes e amigos também foram embora e não estão mais lá. Seria muito complicado reconstruir a vida mais uma vez. Hoje nos sentimos estabelecidos no Brasil. Na verdade, é o nosso país agora (Rodrigues; Griesinger, 2021).

que dos graus de comprometimento que os advérbios podem representar, Lucia diz que mesmo com o desejo de voltar à Sí-



ria, “provavelmente seria muito diferente” ou “seria muito complicado” e por essa razão diz que o Brasil é o seu país agora.

Assim, de um modalizador epistêmico que indica a probabilidade sobre a situação da Síria por meio de um advérbio (provavelmente) e do verbo conjugado no futuro do pretérito (seria), Lucia passa a utilizar modalizadores deônticos para tratar sobre o seu desejo de morada. Percebemos pela expressão “claro que temos o sonho de voltar” e pela afirmação verbal “[o Brasil] é o nosso país agora” (Rodrigues; Griesinger, 2021), 2021, grifos nossos) a afirmação de que ambas as localidades fazem parte da sua projeção identitária.

Destarte, Fairclough (2003, p. 166) nos relembra que o processo de modalização discursiva se inicia enquanto “‘comprometimentos’, ‘atitudes’, ‘julgamentos’ e ‘posições’ do sujeito e depois podem ser ligados ao processo de identificação do mesmo”. Ou seja, nas marcações discursivas retiradas da reportagem, observamos que Lucia (assim como Abdul) demarcam linguisticamente o seu sentimento de pertencimento ao Brasil – seja pelo processo de aglutinação de nomes pátrios ou pelo processo de modalização das falas. Em ambos os testemunhos vemos ‘flutuar’ os costumes e sentimentos que Lucia e Abdul encontram: ora no passado que evoca de seu local de origem, ora no sentimento de pertença ao Brasil. E assim, pelas proposições categóricas projetadas nos excertos aqui analisados, vemos que ambos firmaram a sua identidade nesse ‘terceiro espaço’; que agora deseja e se compromete com as duas nacionalidades.

Por fim, com uma análise abrangente, observamos que a língua aparece nos enunciados como fator importante para marcar a cultura de seu país. Tais apontamentos afirmam que a língua, mais do que um instrumento de comunicação, aparece como parte constitutiva das identidades; da qual

o sujeito utiliza para descrever, representar e agir (n) o mundo. Dessa maneira, nesse contexto, a língua se apresenta como o principal fator para a inserção do imigrante no país, ao mesmo tempo que é também o principal meio para retomar seus costumes nacionais e se sentir pertencente ao país de origem. Essa relação pode ser observada nos seguintes trechos: “conversamos sobre política, nos divertimos, usamos nossa língua nativa, nos conectamos com nossa identidade.”; “buscamos preservar nossa cultura. Mantemos a língua em casa”.

Sobre isso Hall (2006, p. 40), aludindo ao eixo paradigmático das escolhas de Saussure, nos explica que “falar uma língua não significa apenas expressar nossos pensamentos mais interiores e originais; significa também ativar a imensa gama de significados que já estão embutidos em nossa língua e em nossos sistemas culturais”. Afirmando que o discurso, como parte constitutiva e inerente a este sistema de signos (a língua), constrói e constitui a realidade, as ações e a própria identidade do sujeito e do grupo. Por isso não é possível falar de cultura sem pensar sobre as concepções de língua, discurso e identidade.

O movimento se mostra contínuo e “recíproco”

Esse espaço do entre-lugar, gerido pelas mudanças pós-modernas e revelado pelos recursos da linguagem, nos mostra que o terceiro espaço do ser brasileiro-sírio (brasi-sírio) é, para além de uma ressignificação lexical e semântica, um reflexo das mudanças nas práticas sociais no país. Como discutido ao longo do estudo, as mudanças macroestruturantes que ocorreram nas últimas décadas causaram o aumento de deslocamentos migratórios forçados e afetaram diretamente as relações interpessoais dos sujeitos – provocando uma mudança identitária do

sujeito migrante e também uma mudança social e cultural – evidenciadas nas visões de ser e estar no mundo e geridas por esses encontros multiculturais da pós-modernidade.

No entanto, no mesmo pêndulo, essas relações interpessoais dadas após o atravessamento da fronteira passaram a ocasionar também mudanças nos espaços macro-sociais. O que gerou um processo de movimento cultural em que essas novas práticas sociais geraram a demanda de novas instituições governamentais; mudanças no regimento escolar para acolhimento dessas crianças migrantes; mudanças nas legislações municipais; novas demandas para o comércio local; modificações no conceito de arte, culinária, entretenimento etc.<sup>4</sup>

Logo, esse imbricamento cultural e as mudanças decorrentes desse entre-lugar não ocorrem apenas no sujeito que migra, mas em todo contexto social em volta dele e desse processo – instaurando um movimento a que chamamos de “recíproco”, não pelo acordo feito pelas partes (sujeito - história - contexto), muito menos pela aceitação passiva que se deu para esses acontecimentos na história, mas pelo fato de que esse deslocamento e seu respectivo encontro multicultural geram mudanças para ambas as partes, como em um conjunto de ações tomado por um efeito borboleta. Destarte,

[...] o trabalho fronteiro da cultura exige um encontro com “o novo” que não seja parte do continuum de passado e presente. Ele cria uma ideia do novo como ato insurgente de tradução cultural. Essa arte não apenas retoma o passado como causa social ou precedente estético ela renova o passado, refigurando-o como um “entre-lugar” contingente, que inova e interrompe a atuação do presente. O “passado-presente” torna-se parte da

4 Tais efeitos estão melhor explicados no site ‘Portal da Imigração’ do Governo Federal e nos documentos anuais publicados pelo Observatório das Migrações (OBMigra). Disponível em: <<https://portaldeimigracao.mj.gov.br/pt/>>.

necessidade (Bhabha, 1998, p. 27).

Isso ocasiona um processo de encontros culturais, pois “à medida que áreas diferentes do globo são postas em interconexão umas com as outras, ondas de transformação social atingem virtualmente toda a superfície da terra” (Giddens, 1990, p. 06 apud Hall, 2006, p. 15). E é algo que se torna inerente e inevitável, pois o entre-lugar acontece por meio desse encontro e dele se cria o Terceiro Espaço com uma nova significação, que traz modificações identitárias, sociais e culturais, como foi marcado pelos refugiados sírios.

## Considerações finais

Dadas as discussões, reafirmamos que o nosso foco teórico se deu no interstício cultural, nesse novo espaço de significação que poderia surgir com o encontro de diferentes culturas, evidenciando esse terceiro espaço criado pelo entre-lugar. Para isso, foi preciso seguir uma lógica teórica que tratasse sobre cultura, identidade e discurso, já que essas três categorias se mostraram condicionantes umas às outras, tanto no momento de teorização, quanto de análise.

Com tal percurso teórico-metodológico encontramos, assim, que as marcas linguístico-discursivas dos testemunhos aqui analisados evidenciaram esse entre-lugar que se criou a partir do “choque” cultural dado entre a Síria e o Brasil. A saber, o fenômeno da aglutinação marcou, pelo próprio processo lexical, como esse terceiro espaço de significação aconteceu entre essas duas nacionalidades. Mostrando-nos que esse interstício ocorreu no campo ‘social-identitário’ dos refugiados e foi então elucidado na colocação discursiva desse povo.

Não obstante, a análise discursiva ressaltou que a língua serviu como instrumento primeiro e, destarte, o mais importante, tanto para a inserção com a cultura e contexto

brasileiros, quanto para revisitar a cultura síria. Por fim, pudemos observar então que os entrevistados demonstraram prosseguir com costumes de seu país, no mesmo passo em que incorporaram a cultura brasileira, criando novas tradições, conforme notado nas respostas já apresentadas anteriormente. Nesse mesmo percurso analítico, vimos também que essas mudanças, decorrentes do encontro multicultural não afetam apenas o sujeito que migra, elas também trazem alterações no novo contexto social que ele se insere.

Assim posto, essa pesquisa nos permitiu investigar, por meio de marcas linguísticas, como esse percurso histórico dado pela pós-modernidade se fez presente aqui no Brasil para os refugiados sírios. No entanto, tal investigação foi apenas um recorte analítico que buscou mostrar uma pequena parte dos milhares de histórias e ramificações teóricas a que se sucedem nesse entremeio cultural. Por isso, dada às categorias de análise discursiva aqui presentes, sentimos que essa pesquisa teria grandes efeitos se fosse aplicada a outras nacionalidades. No mesmo passo, caberia também uma análise da conjuntura, onde seria possível verificar questões macroestruturantes sobre esses povos no contexto brasileiro.

## Referências:

BHABHA, Homi K. O local da cultura. Belo Horizonte: Editora UFMG, 1998.

BECHARA, Evanildo. Moderna Gramática Portuguesa. 37 ed. Rio de Janeiro: Editora Nova Fronteira, 2009.

CAVALCANTI, L.; OLIVEIRA, T.; SILVA, B. G. Relatório Anual 2021 – 2011-2020: Uma década de desafios para a imigração e o refúgio no Brasil. Série Migrações. Observatório das Migrações Internacionais; Ministério da Justiça e Segurança Pública/ Conselho Nacional

de Imigração e Coordenação Geral de Imigração Laboral. Brasília, DF: OBMigra, 2021.

COELHO, Teixeira. Dicionário crítico de política cultural: cultura e imaginário. São Paulo: Iluminuras, 2012.

COSTA, Karla Resende da. Hibridismo, resistência e mudança: um diálogo entre teoria do discurso de Ernesto Laclau e o pós-colonialismo de Homi K. Bhabha. 2018. 28 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Relações Internacionais) – Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia, 2018. Disponível em: <<https://repositorio.ufu.br/handle/123456789/21924>>. Acesso em 28 de nov. 2022.

FAIRCLOUGH, N. Analysing Discourse: Textual analysis for social research. 1 ed. London: Routledge, 2003.

\_\_\_\_\_. Discurso e Mudança Social. 2 ed. Brasília: Editora Universidade de Brasília, [1992] 2016.

HALL, Stuart. A identidade cultural na pós-modernidade. 11 ed. Rio de Janeiro: Editora DP&A, [1992] 2006

HALLIDAY, M. A. K.; MATTHIESSEN, C. M. I. M. An introduction to functional grammar. 4th. Ed. London: Edward Arnold, 2014.

GOMES, M. P. Antropologia. São Paulo: Contexto, 2008.

MUNDO registrou cerca de 281 milhões de migrantes internacionais no ano passado. ONU News, 01 dez. 2021. Disponível em: <<https://news.un.org/pt/story/2021/12/1772272#:~:text=As%20Na%C3%A7%C3%B5es%20Unidas%20lan%C3%A7aram%2C%20esta,%2C6%20%25%20da%20popula%C3%A7%C3%A3o%20global>>. Acesso em: 24 fev. 2024.

ONZE anos depois, a Síria continua sendo a maior crise de deslocamento forçado no mundo. ACNUR Brasil, 15 mar. 2022.

Disponível em: <<https://www.acnur.org/portugues/2022/03/15/onze-anos-depois-a-siria-continua-sendo-a-maior-crise-de-deslocamento-forcado-do-mundo/>>. Acesso em: 20 fev. 2024.

Submissão: fevereiro de 2024.  
Aceite: março de 2024.

RODRIGUES, L.; GRIESINGER, D. "Sou brasisírio": conheça refugiados de uma guerra que já dura 10 anos. Agência Brasil, Rio de Janeiro, 15 mar. 2021. Disponível em: <<https://agenciabrasil.ebc.com.br/direitos-humanos/noticia/2021-03/sou-brasisirio-conheca-refugiados-de-uma-guerra-que-ja-dura-10-anos>>. Último acesso em: 20 fev. 2024

TRINIDAD, C. Produção Epistêmica Indígena: a periferia do conhecimento. In.: VIEIRA, M.; DINIZ, A. (org.) – Anais do I Congresso Internacional América Latina e Interculturalidade: "América Latina e Caribe: cenários linguístico-culturais contemporâneos". Foz do Iguaçu, 2015, 452 p. Disponível em: <<https://portal.unila.edu.br/programas-pos-graduacao/iela/producao-cientifica/arquivos-e-imagens/anais-do-congresso-final-01-marco-2015-2.pdf>>. Acesso em: 19 fev. 2024.

WALSH, C. Interculturalidad crítica y educación intercultural. In: VIANA, J.; TAPIA, L.; WALSH, C. Construyendo interculturalid crítica. La Paz: III – CAB, 2010. Disponível em: <<https://sermixe.org/wp-content/uploads/2020/08/Lectura10.pdf>>. Acesso em 19 fev. 2024.

WALSH, C. La educación intercultural en la educación. Lima/Peru: Ministerio de Educación, 2005. Disponível em: <[https://centroderecursos.cultura.pe/sites/default/files/rb/pdf/La%20interculturalidad%20en%20la%20educacion\\_0.pdf](https://centroderecursos.cultura.pe/sites/default/files/rb/pdf/La%20interculturalidad%20en%20la%20educacion_0.pdf)> Acesso em 15 fev. 2024.

WALSH, C. La interculturalidad y la educación básica ecuatoriana: propuestas para la reforma educativa. Procesos. Revista Ecuatoriana de Historia, 12, p. 119-128, 1998.